

Introdução às Teorias da
Cibercultura

CONSELHO EDITORIAL
DA COLEÇÃO CIBERCULTURA

André Lemos
Alex Primo
Clóvis Barros Filho
Denize Araújo
Erick Felinto
Francisco Menezes
Juremir Machado da Silva
Luis Gomes
Paula Sibilía
Simone Pereira de Sá



FRANCISCO RÜDIGER

Introdução às Teorias da Cibercultura

**Tecnocracia, Humanismo e Crítica no
Pensamento Contemporâneo**

2ª Edição – Revista e Ampliada



Editora Sulina

© Francisco Rüdiger, 2004

Capa

Vitor Hugo Turuga/Fosforográfico

Projeto gráfico e editoração

Daniel Ferreira da Silva/Observatório Gráfico

Revisão

Patrícia Aragão

Editor

Luis Gomes

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: GINAMARA JACQUES PINTO CRB 10/1204

R916 Rüdiger, Francisco Ricardo

Introdução às teorias da Cibercultura: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. / Francisco Rüdiger. —
Porto Alegre : Sulina, 2ª ed. 2007
198 p.

ISBN: 85-205-0340-3

1.Sociologia. 2. Cultura e Tecnologia.
3. Sociologia do Conhecimento. I. Título

CDD: 301.243

Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (0xx51) 3311-4082

Fax:(0xx51) 3264-4194

www.editorasulina.com.br

E-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Fevereiro/2007}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Prefácio à Segunda Edição

A reedição desta obra permite-nos, como de hábito, precisar alguns pontos escritos com pressa indevida, corrigir pequenos erros de digitação e complementar as referências bibliográficas com vistas à manutenção da serventia e atualidade do texto.

O principal, porém, é uma refundição do miolo do texto, a saber: do princípio de exposição das teorias da cibercultura. O leitor interessado notará que se, por um lado, seu entendimento comparado está mais claro agora, por outro se aprofundou sua reconstrução epistemológica. Assim, a obra ganhou em consciência crítica e reflexiva, sem perder, esperamos, seu caráter didático e universitário.

Beneficiou-se em muito o texto do seu emprego em sala de aula e das discussões que sobre ele tivemos com nossos estudantes e leitores. O livro que o leitor tem em mãos segue sendo um texto para uso em sala de aula ou como obra de referência. Deve ser visto como roteiro de leituras e guia de questões para estudo, mas já pode ser avaliado, também, como material possuidor de suas próprias proposições.

Quanto ao primeiro tópico referido mais acima, passou-se a chamar atenção para o fato de que o pensamento tecnológico é um fenômeno histórico cuja natureza e sentido apenas podem se esclarecer relacionando-o dialeticamente com seu antípoda, o pensamento humanista.

Nessa linha de raciocínio, salienta-se melhor agora que essa oposição, em si mesma dialética, não se perfila, mas cruza e se combina com a distinção passível de se fazer entre fáusticos e prometéicos, pensadores tecnófilos e pensadores tecnófobos.

Significa, por exemplo, que escritores fáusticos ou tecnófobos podem ser mais prisioneiros do pensamento tecnológico

do que o são os tecnófilos ou prometéicos; ou que esses podem, apesar das aparências, ser em muito prisioneiros do humanismo.

Quanto ao segundo item, corrigiu-se a grafia de alguns nomes próprios e se procurou reescrever algumas passagens que podiam ensejar confusões ou mal-entendidos, além de se sanar os erros de digitação, que sempre escapam até mesmo aos mais duros revisores.

Espera-se que o resultado seja um texto mais fluente para leitura e mais iluminador em referência às questões que se pretende dar conta com sua exposição.

Quanto ao terceiro tópico, acrescentamos citações e, circunstancialmente, apontamos as contribuições de alguns importantes pensadores da questão da técnica moderna que haviam sido esquecidos quando da redação do texto original desta pesquisa.

Nesse contexto, vale lembrar que estas páginas não têm, contudo, a pretensão de constituir um tratado sistemático sobre a matéria. As ambições são amplas em tese, mais limitadas em realização. O objetivo principal, como se pode ler na introdução, é sobretudo o de fornecer um esquema para o desenvolvimento da reflexão sobre a tecnocultura contemporânea.

Creemos que o saldo de tudo isso é um volume ainda melhor acabado do que o anterior e que pode continuar sendo usado como roteiro de estudo das principais discussões teóricas sobre a estrutura e sentido da cibercultura, tanto como guia de investigação do que chamamos de pensamento tecnológico e de imaginário maquinístico.

Francisco Rüdiger

Sumário

Introdução	9
1	
Athena, Fausto e Prometeu	
Orientação da Problemática	13
A) A Perspectiva Tecnicista: Fáusticos e Prometéicos	14
B) A Perspectiva Naturalista: Técnica e Antropologia I	21
C) A Perspectiva Culturalista: Técnica e Antropologia II	25
Excurso: Técnica e Cultura em Simmel	29
D) A Perspectiva Crítica: Visão de Athena?	31
2	
Origens: técnica e tecnologia	
Sabedoria, Mito e Razão	35
A) A Técnica Segundo os Antigos	38
B) Da Antigüidade ao Renascimento	44
3	
Estágios do Projeto Tecnológico I	
De Francis Bacon a Jean-François Lyotard	47
A) A Técnica Segundo os Modernos	48
B) A Época de Ouro do Prometeísmo	51
C) A Ascensão da Visão Fáustica	59
4	
Estágios do Projeto Tecnológico II	
De Norbert Wiener a Donna Haraway	63
A) Tecnicismo e Dialética da Civilização	63
B) Tecnocultura e Sociedade	66
C) Devir Ciborgue?	70
5	
A Herança de McLuhan	
Manuel Castells e a Era da Informação	77

6	
A Sagração da Internet	
Cultura e Tecnicismo em André Lemos	87
7	
A Síndrome de Cândido	
A Tecnotopia Liberal Humanista de Pierre Lévy	97
Excursão sobre os Tecnófilos de Esquerda: Richard Barbrooke	98
8	
O Complexo de Schreber	
O Tecnoapocalipse Pós-humanista de Arthur Kroker	107
Excursão sobre um Tecnófobo Esotérico: Jean Baudrillard	113
9	
O Desafio do Humanismo	
Civilização Maquinística e Crítica Radical	117
Excursão sobre o Tecno-realismo: Gordon Graham	122
Excursão sobre o Futuro da Condição Humana: Hannah Arendt	126
10	
Pistas para a Crítica do Pensamento Tecnológico	
O Legado da Escola de Frankfurt	133
Excursão sobre a Abordagem Construtivista	138
11	
Pensamento Tecnológico e Imaginário Maquinístico	
A Contribuição de Cornelius Castoriadis	147
Excursão sobre a Crítica Transcendental à Cibercultura: Tim Jordan	150
12	
Cibercultura, Tecnicismo e Imaginação	
A Dialética entre Mito e Razão em Robins e Hillis	161
Excursão sobre a Abordagem Sistêmica	165
Conclusão	175
Glossário	183
Referências Bibliográficas	189

Introdução

Deseja-se com este texto colocar ao alcance do leitor interessado um relato sucinto da trajetória da reflexão sobre o caráter e sentido da técnica moderna (tecnologia) feita ao longo do tempo pelo pensamento filosófico ocidental. Embora didático na forma de exposição, o texto procura ser abrangente em matéria, que se estende desde as origens desse movimento intelectual até seus últimos desdobramentos. Buscando evitar superposições com outros escritos do gênero, que não faltam, confere-se nestas páginas acento principal ao que elas de fato objetivam: auxiliar a aprofundar o entendimento e a reflexão crítica sobre as teorias da chamada cibercultura.

Desde o século XVII, converte-se a técnica, informada pelas ciências, em poderosa força material, que afeta cada vez mais nosso modo de ser, a vida cultural e as formas de sociabilidade. O processo, todavia, será compreendido de maneira limitada, se não levar em conta suas articulações discursivas no plano reflexivo e intelectual. Desde a época em questão, verifica-se a presença entre nós de um imaginário maquinístico que não apenas embebe a práxis histórica, mas se duplica dialeticamente em manifestos doutrinários e reflexões filosóficas.

Apresentar um roteiro para o estudo dessas idéias sem tocar em seu contexto histórico e na maneira como elas se encarnam nos mais variados campos da atividade humana é, sem dúvida, a principal limitação deste relato, como seria o inverso, no caso de fazermos o relato de como a técnica em cada um desses campos se encaixa: precisaríamos fazer essas conexões, mutuamente dependentes, embora extremamente custosas de se obter, para abrir bem as portas do devido entendimento da história do pensamento.

Afinal, o pensamento ou imaginário, que não é nada mental, no sentido de ser algo interno à “cabeça” do indivíduo, não pode

ser entendido como sendo só reflexão, as formulações teóricas de uma atividade discursiva: precisa ser examinado ainda nas formas pelas quais é acionado ou se faz presente em outros tipos de práticas, como defendeu com especial energia Michel Foucault.

A filosofia articula reflexivamente idéias que nascem da vida social e que, uma vez repensadas, rebatem sobre o curso dessa vida através das mais variadas mediações. A conduta ou ação humanas são sempre encarnações de um ou mais pensamentos, mas jamais totalmente, porque, convergindo com a imaginação, o pensar inclui uma criatividade própria, que reverbera sobre aquelas e, dentro de condições determinadas, incita-nos a ir além, a pôr as mãos nas rodas do processo social-histórico.

Consciente desse problema, o texto, contudo, assim se apresenta, com a justificativa de que, assumindo-o, pelo menos logra escapar da fantasia abusiva que seria tentar, em poucas páginas, apontar em um esquema a miríade de relações que atravessa o campo da tecnologia ao longo de um período temporal que se estende por vários séculos. A concentração do relato no plano fluído e rarefeito da história das idéias, das articulações filosóficas desse processo, procura estar de acordo com o nosso objetivo aqui, que é o de fornecer um recurso propedêutico à feitura de estudos específicos na supracitada direção.

Conforme termos que o leitor, se quiser, poderá conferir, retomam-se nesta empresa os motivos agregados como último capítulo à segunda edição de nosso *Introdução à Teoria da Comunicação* (1997, 2003). Na ocasião, buscava-se ver como as tecnologias de comunicação se haviam tornado objeto de teorização no pensamento contemporâneo. Depois de feita a discussão detalhada de alguns pontos da problemática em *Elementos para a crítica da Cibercultura* (2002), trata-se agora de estruturar um texto com o objetivo de explicitar como as novíssimas formas dessas tecnologias, baseadas nos processos de informatização, servem de pretexto para a elaboração das diversas teorias da tecnocultura contemporânea.

Deixando de referir-nos à importante contribuição ao assunto feita por Heidegger, note-se, buscamos apenas conservar noutro

lugar o tratamento monográfico que já lhe dedicamos (*Martin Heidegger e a Questão da Técnica*, 2006). Acredita-se de toda forma que, folheando este texto, poderá o leitor interessado, especialmente o preocupado com as chamadas novas tecnologias de comunicação, encontrar um roteiro histórico e conceitual para situar suas próprias dúvidas e, eventualmente, vir a desenvolver suas próprias reflexões sobre tão atual e instigante temática.

Os materiais reunidos no volume se limitam às discussões de ordem mais geral a respeito do assunto. Optou-se por deixar de lado as reflexões mais específicas sobre os vários campos em que se desdobra a cibercultura. O capitalismo digital, as comunidades virtuais e o ciberfeminismo não são menos objeto de teorização do que o eu on-line, o corpo ciborgue e o estado eletrônico. Outros estudos, contudo, devem seguir a este, se é para dispormos de sínteses com sua devida reconstrução sistemática em chave de exposição historicista.

Previamente, urge pôr em marcha a tarefa aqui proposta.

Desde o século acima referido, passa nosso mundo por um processo cada vez menos silencioso de metamorfose tecnológica, cujos efeitos, embora projetando-se de maneira longínqua, quando não são objeto dos noticiários, já se antecipam em todo o tipo de obras de ficção e despertam diversas formas de preocupação em todos aqueles que nutrem alguma curiosidade pela fortuna de nossa civilização. Deseja-se com esse pequeno volume sumariar esquematicamente alguns elementos que consideramos essenciais para desenvolver uma justa e adequada apreensão desse movimento.

Embora de caráter introdutório, procura-se construir no curso deste trabalho uma proposição teórica de entendimento da tecnocultura contemporânea e dos problemas filosóficos que ela põe à humanidade. A reconstrução dos estágios de desenvolvimento do pensamento tecnológico segue um viés historicista porque, por meio dele, julgamos possível não apenas pensar criticamente as formulações acerca da estrutura e sentido daquele fenômeno, mas asseverar uma chave de leitura mais apropriada à continuidade de sua investigação.

Escrevendo este opúsculo, pensou-se em primeiro lugar, porém, em colaborar didaticamente no esforço para tornar mais próximos do público pensador de cultura em geral alguns elementos intelectuais necessários à boa condução desse desafio, que hoje se coloca, senão às nossas vidas, pelo menos a nosso pensamento como seres humanos.